

Registros linguísticos do cayapó do sul de Santana do Paranaíba¹

Eduardo Alves Vasconcelos²

Universidade do Estado do Amapá (UEAP)

RESUMO: A análise seguinte trata, especificamente, dos registros existentes sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul aldeados nas proximidades de Santana do Paranaíba (atual município de Paranaíba-MS), vila localizada à margem esquerda do rio Paranaíba, próxima a foz do rio Sucuriú. As primeiras notícias sobre os Cayapó do Sul datam do final do século XVII e durante os dois séculos seguintes mantiveram intermitente contato com a população não-indígena que adentravam e se fixavam em seu território. No início do século XX foram tidos como extintos. Nas aldeias localizadas nas proximidades da Vila de Santana do Paranaíba há três listas de palavras: Kupfer (1870), Lemos da Silva (1882), Nehring (1894). Dentro dos limites impostos pelos registros, propõe-se uma interpretação grafemática, com apontamentos fonológicos. Essa análise tem também como objetivos demonstrar a identidade das listas e, ainda, corroborar a hipótese de duas variedades do Cayapó do Sul: setentrional (Mossâmedes) e meridional (Paranaíba e Triângulo Mineiro).

Palavras-chave: Análise Grafemática. Cayapó do Sul. Línguas Jê.

Linguistic's fieldnotes of Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba

ABSTRACT: The following analysis is, specifically, of the existing registers about the language that was spoken by the South Cayapó villagers near Santana do Paranaíba (current municipality of Paranaíba-MS), village located on the left side of the river Paranaíba, near the mouth of the river Sucuriú. The first news about the South Cayapó dating from the end of century XVII and during the next two centuries maintained intermittent contact with the non-indigenous population who that were entering and settled in its territory. In the early century XX they were considered extinct. In the villages located nearby near the town of Santana do Paranaíba there are three lists of words: Kupfer (1870), Lemos da Silva (1882), Nehring (1894). Within the limits set by the registries, it proposes a graphematic interpretation, with phonological notes. This analysis also has the objective to demonstrate the identity of the lists and also corroborate the hypothesis of two varieties of South Cayapó: northern (Mossâmedes) and southern (Paranaíba and Triângulo Mineiro).

Keywords: Graphematic Analysis. South Cayapó. Jê Languages.

¹ Esse artigo é segunda versão daquele enviado aos Anais do V Encontro do GELCO (Grupo de Estudos Linguísticos do Centro-Oeste), em 2010. A análise é retomada a partir de uma reinterpretação dessas listas, motivada pela comparação sistemática com os demais registros produzidos por alemães, e o desenvolvimento da análise fonológica.

² E-mail: alves_vasconcelos@yahoo.com.br .

INTRODUÇÃO

O que se sabe sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul baseia-se em registros linguísticos, listas de palavras, coligidas entre o final do século XVIII e início do século XX. Dentre esses registros, somente aquele coligido por Alexandre Barbosa, em 1911, no Triângulo Mineiro, tem um expressivo número de itens, aproximadamente 700 itens. Os demais registros são listas que não chegam a uma centena de palavras. As listas coligidas nas aldeias localizadas próximas à Vila de Santana do Paranaíba (atual município de Paranaíba-MS) estão entre essas em que temos menos de 100 itens (a lista de Lemos da Silva, a com maior número de itens, tem aproximadamente 90 palavras).

Os registros de Santana do Paranaíba foram todos anotados na segunda metade do século XIX, quando as já longamente abandonadas minas deram lugar aos povoadamentos e à economia agropastoril na região do Brasil Central. O primeiro registro é aquele coligido por Kupfer, em 1857, e publicado em 1870; o segundo de Lemos da Silva, datado de 1882, e, por fim, o de Carl Nehring, registro que fora enviado a Paul Ehrenreich, que o publicou em 1894. Nas seções seguintes, apresenta-se uma análise grafemática dessas listas, bem como uma discussão, baseada na comparação entre as listas, de possíveis fonemas dessa variedade do Cayapó do Sul. Entre outros objetivos, a análise dessas listas apresenta evidências a favor da diferenciação da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul nessa região em contraponto à língua falada por aquele que foram aldeados na região de Vila Boa (Goiás).

1 INTERPRETANDO AS LISTAS

Para a análise e interpretação das listas de palavras Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba, foram adotados os seguintes procedimentos, adaptados daqueles utilizados por Grannier-Rodrigues (1990) para o Guaraní Antigo: (a) indicação explícita da natureza do som por seu anotador; (b) o valor que tinham as letras na ortografia de base (no caso, alemão e português); (c) particularidades da ortografia utilizada; (d) alternâncias morfofonológicas que o registro permita depreender; (e) correspondências entre os registros do Cayapó do Sul; e (f) correspondências com outras línguas da família Jê, ou se necessário, do tronco Macro-Jê.

1.1. *Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso, Kupfer (1870)*

A primeira lista conhecida dos índios Cayapó do Sul próximos a Santana do Paranaíba foi registrada pelo médico alemão Kupfer. Em 1857, em viagem pelo interior de São Paulo e, atualmente, Mato Grosso do Sul, esse médico alemão visitou, permanecendo por quatro dias, a aldeia dos Cayapó do Sul situada nas proximidades da Vila de

Santana do Paranaíba³. O seu relato da permanência entre os Cayapó do Sul foi publicado na “*Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 5”, em 1870. No seu texto encontramos notas sobre práticas culturais dos Cayapó do Sul como organização da aldeia, a presença da casa dos homens e rituais fúnebres. Do ponto de vista linguístico, Kupfer coligiu uma lista de palavras com 79 itens. Segundo o autor, “os poucos homens que entendiam português se cansavam muito rápido das entrevistas, assim eu conseguia manter sua atenção apenas por uns quinze minutos”; explicando, ainda, que “a sua língua [a dos Cayapó do Sul] se compõe de palavras acentuadamente cortantes e batidas, que parecem como se estiveram gaguejando” (KUPFER, 1870, p. 253).⁴

A lista anotada por Kupfer segue a ortografia da língua alemã acrescida do diacrítico agudo, contudo não apresenta quaisquer esclarecimentos sobre a utilização deste sinal gráfico. Kupfer (1870) não faz considerações sobre as características do seu registro, ele informa somente que a língua “não tem artigos e declinações” ou “não conseguiu tirar deles se possuem um tipo de conjugação”. Os seus comentários à lista acrescentam a apresentação: (i) dos pronomes pessoais – “eu = *nehé*; ele = *moamá*; nós = *pauhiá*; eles = *kokeré*; meu/minha = *hakiamá*; seu/sua = *kakiamá*; nosso/nossa = *pakiamá*” –; (ii) dos numerais – “um = *mahé*; dois = *mujalapió*”; e, por fim, (iii) das cores – “eles têm palavras para branco, claro = *kaketé*; para preto, escuro = *tapanjó*”. Nos parágrafos seguintes apresento a interpretação grafemática para a lista de palavras de Kupfer (1870).

As obstruintes [p], [t] e [k] são representadas por, respectivamente, *p*, *t*, *k*. Em alemão do início do século XX, o grafema *c* tem valor de [tʃs] diante de *e*, *ä*, *i* e *y*, nas demais vogais tem o som de [k] (cf. PRÉVOT, 1913). No registro de Kupfer (1870), o grafema *k* ocorre diante das vogais *i*, *e*, *a/á*, *ó*, *u*, enquanto o grafema *c*, representando a velar [k], ocorre diante de *o*, *a/á*. Para o som [tʃs], a ortografia do alemão usa preferencialmente *z*, este grafema, por sua vez, em Kupfer (1870), ocorre com todas as vogais *e*, diferentemente da lista de Nehring (cf. adiante), realiza-se tanto precedido de silêncio quanto em posição intervocálica. O grafema *c* com valor de [tʃs] é depreendido quando se realiza com a vogal *i*, em *incipiá* ‘esposa’ (*insipia* ‘moça’ em Lemos da Silva) e, ainda, de uma única realização com *u* em *cupé* ‘vento’ (em Barbosa *çakô* e Panará [sə’peri]⁵). Não há nenhuma motivação aparente para o uso de *k/c* para [k] e nem de *z/c* para [tʃs]. A identificação de que som a letra *c* representa está condicionada ao seu padrão de uso na ortografia alemã.

Em (1), são apresentadas as interpretações para as obstruintes [p], [t], [tʃs] e

³ No século XIX ainda são identificadas diversas aldeias Cayapó do Sul na região que compreende o Estado do Mato Grosso do Sul, como as aldeias do Piqueri, Sucuriú e Pardo, regiões mais distantes dos núcleos populacionais, e sobre as quais há poucas informações.

⁴ Tradução livre de: (i) “von der Sprache der Cayapós habe ich nur Weniges notiren können; die wenigen Männer, die etwas portugiesisch verstanden, ermüdeten bei den Fragen und Antworten stets so leicht, dass ich ihre Aufmerksamkeit Kaum eine viertel Stunde jedesmal zu fesseln vermochte”; e (ii) “ihre Sprache besteht aus scharf accentuirten, kurz hervorgestossenen Wörtern und macht den Eindruck als stotterten sie”.

⁵ Dado retirado do *corpus* coletado por Vasconcelos em outubro de 2012. No decorrer do texto, os dados desse *corpus* não receberão nota de fonte, já aqueles retirados das análises de Dourado receberão o devido crédito.

[k], em Kupfer (1870).

(01) Oclusivas e africadas em Kupfer (1870)

<i>p</i>	[p]	<i>potekó</i>	[pote'ko]	‘noite’
<i>t</i>	[t]	<i>tompé</i>	[tõ'pe]	‘bonito’
<i>z</i>	[t̥s]	<i>zucoté</i>	[t̥suko'te]	‘peito’
<i>c</i>	[t̥s]	<i>incipiá</i>	[ĩt̥si'pja]	‘esposa’
<i>k</i>	[k]	<i>kateté</i>	[kate'te]	‘branco’
<i>c</i>	[k]	<i>caputú</i>	[kapu'tu]	‘velho’

Como apontamos no registro de Pohl (1832), o grafema *s* em *onset* deveria ser interpretado como a sonora [z], porém, em toda a lista de Kupfer (1870) há uma única ocorrência deste grafema (*sacoa* ‘boca’), que em Nehring (1894) é *zapē* [t̥sape:] e em Barbosa (1918) é *çakuá* [sa'kua]. As ocorrências em Nehring (1894) e Barbosa (1918) sugerem que esse grafema esteja representando a fricativa [s]. Já as consoantes [ʃ], [x] e [h] são representadas respectivamente por *sch*, *ch* e *h*. O dígrafo *ch*, em alemão, tem valor fonético de [x] quando precedido por *a*, *ou*, *au*, e de [ç] quando precedido por *e*, *i*, *ei*, *ä*, *äu*, *eu* e *ü*. O *ch* só ocorre em *kuóch* ‘mandioca’, sugerindo a interpretação ['kwox], com padrão silábico CCVC. Além do único registro em que é identificado esse padrão silábico, esse item pode ser interpretado como CV.VC, ou seja, [ku.ox]. Na interpretação desse item é preciso considerar ainda que em Barbosa (1918) mandioca é anotada *kúa*. A variação “*óch*” ~ “*a*” pode indicar também que a fricativa em Kupfer seja a percepção da duração vocálica ou uma vogal incomum ao sistema fonológico do alemão, talvez uma vogal central. Buscando correspondências em outras línguas Jê, temos: Parkatejê (FERREIRA, 2003) *kwər*, Krikati (ALVES, 2004) *kwir* e Panará ['kwə^h]. Tais exemplos apontam para a hipótese de que a qualidade da vogal nesse termo pode ser diferente daquela anotada por Kupfer, possivelmente uma vogal posterior não-arredondada, não se descartando a possibilidade de rima ramificada, como a correspondência em Parkatejê e Krikati indicam. Na lista de Kupfer (1870) também há realização da fricativa glotal [h], tanto em *onset* inicial quanto intervocálico.

(02) Fricativas em Kupfer (1870)

<i>s</i>	[s]	<i>sacoa</i>	[sakwa] ou [sa-ko.a]	‘boca’
<i>sch</i>	[ʃ]	<i>kuschiá</i>	[ku'ʃia]	‘aguardente’
<i>ch</i>	[x]	<i>kuóch</i>	['kwox]	‘mandioca’
<i>h</i>	[h]	<i>hi</i>	['hi]	‘carne’
		<i>nehé</i>	[ne'he]	‘eu’

As nasais [m] e [n] são representadas pelas letras *m* e *n*. Os grafemas nasais foram identificados em *onset* e em *coda*. Como nos demais registros do Cayapó do Sul, a presença dos grafemas nasais em *coda* é problemática. Em Kupfer (1870), assumiu-se que a sequência vogal-consoante nasal é a opção desse anotador para marcar vogais nasais. Nas sequências consoante nasal-consoante oclusiva é preciso considerar a ocorrência de pré-nasalizadas. O Cayapó do Sul manteria, tal como as demais línguas da família Jê, a oposição entre vogais orais e nasais (RODRIGUES, 1999) e tal oposição condiciona a realização das soantes descontínuas em *onset* e *coda*. Por fim, a nasal palatal [ɲ] seria representada por *nj* em *tapanjó* ‘preto’.

(03) Nasais em Kupfer (1870)

<i>m</i>	[m]	<i>moschi</i>	[moʃi]	‘rico (milho)’
<i>n</i>	[n]	<i>netampiá</i>	[neta'mpja]	‘tecido vermelho’
<i>nj</i>	[ɲ]	<i>tapanjó</i>	[tapa'ɲo]	‘preto’

O tepe [r] é representado por *r*: *tamancáre* ‘feio’, *kikré* ‘casa’. Há uma única ocorrência do grafema *l* em *mujalapió* ‘dois’. A aproximante [j] é representada por *j* em *jaká* ‘dia’, mas também é representada por *i*: *ikiá* ‘cabeça’, *kiúte* ‘anta’, *ikiú* ‘porco (queixada)’. Já a aproximante [w] ora está representada por *u* ora por *o*⁶, em *cluster*: *kapekoá* [kape'kwa] ‘deus’, *naschoá* [na'ʃwa] ‘gordo’; e em *coda* em *páu* [paw] ‘pequeno’ e *pauhiá* [pawhi'a] ‘nós’. A interpretação da aproximante [w] não é evidente neste registro, os itens listados em que tal segmento é interpretado em *cluster* tem interpretação alternativa: [kapekoa] e [na'ʃoa]; e *páu* ‘pequeno’, com *u* em *coda* pode ser considerado como um equívoco na transposição do registro manuscrito para a versão impressa, em Barbosa (1918) *pan*, ou seja, o item em Kupfer seria *pan* e não *pau*.

A interpretação para as consoantes do Cayapó do Sul, segundo o registro de Kupfer (1870), é apresentada no quadro seguinte. A oclusiva sonora [b] tem uma única ocorrência: *bitó* ‘tio’, que em Barbosa (1918) é *çutón*, *citón*, *xitón*.

Quadro 01: Lista de Kupfer (1870) – Consoantes				
p b	t	tʃs	k	
	s	S	x	h
m	n	ɲ		
w	r l	j		

As vogais [i], [e], [a], [o] e [u] são representadas respectivamente por *i*, *e*, *a*, *o* e *u*. A indicação que estas vogais sejam distintivas em Cayapó do Sul pode ser observa-

⁶ A aproximante [w] é anotada por Pohl (1837) na lista do Xavante do aldeamento do Carretão de Pedro III, com grafema *o* (cf. Vasconcelos, 2013), caracterizando um padrão de notação entre os alemães.

da, na lista de Kupfer (1870), em *uté* ‘avô’, *ité* ‘perna’, *itú* ‘batata doce’, *intá* ‘chuva’, *intó* ‘olho’, *ipá* ‘dedo da mão’, *ipó* ‘filho’, *impó* ‘veado’, *impú* ‘pênis’. O diacrítico agudo (´) marca somente a sílaba tônica. Em *kuóch* ‘mandioca’ é possível levantar a hipótese de [ə], enquanto a variação entre *zu-* ~ *zi-* em *zu-coté* ‘peito’ e *zi-cré* ‘ouvido’ teria como interpretação possível [i], assumindo assim um morfema [zi]. A interpretação de *cupé* como [tʃsu'pe], Panará [səperi], é considerado um indício para a realização de vogal central. Neste registro foram identificadas as seguintes vogais:

(04) Vogais orais em Kupfer (1870)

<i>i</i>	[i]	<i>ikiá</i>	[i'kja]	‘cabeça’
<i>e</i>	[e]	<i>pacré</i>	[pa'kre]	‘nariz’
<i>a</i>	[a]	<i>kitazá</i>	[kita'tʃsa]	‘cavalo’
<i>o</i>	[o]	<i>hokeré</i>	[hoke're]	‘eles’
<i>u</i>	[u]	<i>patucá</i>	[patu'ka]	‘ventre’

Já as vogais nasais são, então, representadas pelo uso de *n* e *m* sucedendo os grafemas vocálicos.

(05) Vogais nasais em Kupfer (1870)

[ĩ]	<i>in</i>	<i>zurinzi</i>	[tʃsurĩtʃsi]	‘galinha’
	<i>im</i>	<i>impúte</i>	[ĩ'pute]	‘lua’
[ẽ]	<i>em</i>	<i>kientómá</i>	[kjẽto'ma]	‘sacerdote’
[ã]	<i>an</i>	<i>ankiúte</i>	[ã'kjute] ou [ã'kiute]	‘quente’
	<i>am</i>	<i>netampiá</i>	[netã'pja]	‘tecido vermelho’
[õ]	<i>om</i>	<i>tompé</i>	[tõ'pe] ou [to'mjpe]	‘bonito’
[ũ]	<i>um</i>	<i>zounzé</i>	[tʃsoũ'tʃse]	‘colo feminino’

As vogais, no registro de Kupfer (1870), são apresentadas no Quadro 02, a seguir. A realização da posterior [ĩ], marcada em cinza, é mantida como uma possível ocorrência, não explicitamente apontada nesse registro.

Quadro 02: Lista de Kupfer (1870) – Vogais				
Orais			Nasais	
i	ĩ	u	ĩ	ũ
e		o	ẽ	õ
a			ã	

1.2. Os índios Cayapós, Lemos da Silva (1882)

O segundo registro linguístico de Santana do Paranaíba foi realizado pelo Capi-

tão do Exército Brasileiro, Joaquim Lemos da Silva. Lemos da Silva foi morador de Santana do Paranaíba e manteve contato mais contínuo com a aldeia próxima a esta vila e, em 1882, encaminha ao Coronel Antonio Borges de Sampaio, em Uberaba, uma resenha histórica sobre a vila e dedica um capítulo aos Cayapó do Sul, acompanhado de uma lista de palavras com cerca de 90 itens, baseada na ortografia do português. O Coronel Antonio Sampaio enviou a lista de Lemos da Silva para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1901, onde ficou desconhecida até o início da década de 1990.

Na lista de Lemos da Silva a base do registro é a ortografia da língua portuguesa, em que são utilizados os diacríticos agudo, circunflexo e til. O padrão silábico depreendido tem as seguintes ocorrências: V (*iche*), CV (*potiti*), CVC (*tonxeu*) e CCV (*pacré*).

As oclusivas [p] e [t] são representadas por *p* e *t*, respectivamente. Já a velar [k] é representado pelos grafemas *c* e *qu*, *c* quando diante de [a], [o] e [u] e *qu* quando diante de [i] e [e]. Já a fricativa [s] é representado por *s* como em *insipia* ‘moça/mulher’ e *suncré* ‘nádegas’. A fricativa [ʃ] é marcada por dois grafemas: *ch* e *x*. Não há evidências a favor de que esses grafemas estejam marcando dois sons. O uso do grafema *x* para a fricativa [ʃ] e o dígrafo *ch* [tʃ], encontrado no português arcaico, é abandonado ainda no século XVII, dessa forma, Lemos da Silva não estaria utilizando essa distinção no registro do Cayapó do Sul. A variação entre o uso de *ch* e *x* para um mesmo morfema pode ser observado em *potinachã* (*po+ti+na+chã* ‘veado + grande + ? + ?’) ‘gado’ e *hiutaxã* (*hiute + (a)xã* ‘anta’ + ?) ‘burro, cavalo’ (conferir também *impó achã* ‘cabra’).

(06) Oclusivas e fricativas em Lemos da Silva (1882)

<i>p</i>	[p]	<i>pacô</i>	[pa'ko]	‘lábios’
<i>t</i>	[t]	<i>patuca</i>	[patuka]	‘barriga’
<i>c</i>	[k]	<i>cuxá</i>	[ku'Sa]	‘cachaça’
<i>qu</i>	[k]	<i>iquêtupe</i>	[i'ketupe]	‘estou com fome’
<i>s</i>	[s]	<i>suncré</i>	[sũ'kre]	‘nádegas’
<i>ch</i>	[ʃ]	<i>chuninxi</i>	[SũĩSi]	‘galinha’
<i>x</i>	[ʃ]	<i>xaquiátu</i>	[Sa'kjatu] ou [ʃaki'atu]	‘papo/papo grande’

Na lista de Lemos da Silva (1882) há a ocorrência de *b*, única oclusiva sonora em seu registro. Os dados encontrados são: (a) *incretuba* ‘patrono’, (b) *achotemanancabu* ‘homem mau ou bravo (ou estar bravo)’, (c) *cuxaquiã ietube* ‘(estar) bêbado’, (d) *copembe* ‘acabou’ e (e) *nacretibu* ‘estar cheio’.

Já as nasais [m], [n] e [ɲ] são representadas por *m*, *n* e *nh*. Tanto [m] quanto [n] ocorrem no início de palavras e em posição intervocálica, enquanto há poucos dados

com [ɲ] e todas as ocorrências são intervocálicas. As consoantes nasais também marcam as vogais nasais, o que pode ser observado em *taumpé* ~ *taõpe* ‘bonito’.

(07) Nasais em Lemos da Silva (1882)

<i>m</i>	[m]	<i>maquia</i>	[makja]	‘me dá’
		<i>tamancare</i>	[tamãkare]	‘feio’
<i>n</i>	[n]	<i>napiá</i>	[na'pja] ou [napi'a]	‘onça’
		<i>potinachanxe</i>	[potinaSãSe]	‘leite, queijo’
<i>nh</i>	[ɲ]	<i>xitacritinhanha</i>	[Sitakriti ɲaɲa]	‘vestido vermelho’

As consoantes [ɾ] e [w] são representadas respectivamente pelos grafemas *r* e *u*, já a palatal [j] por *i* e *y*.

(08) Soantes em Lemos da Silva (1882)

<i>r</i>	[ɾ]	<i>piruá</i>	[pi'rua] ou [piru'a]	‘casa dos homens’
		<i>prince</i>	[prĩSe]	‘cópula carnal’
<i>w</i>	[w]	<i>uachã</i>	[waSã]	‘irmão’
		<i>pachuá</i>	[pa'Swa] ou [paʃu'a]	‘dentes’
<i>y</i>	[j]	<i>yote</i>	[jote]	‘não’
<i>i</i>	[j]	<i>xapaia</i>	[Sapaja]	‘enxada’

Os diacríticos agudo e circunflexo, como apontado anteriormente, marcariam tanto a sílaba tônica como a qualidade da vogal. A partir dos itens apresentados por Lemos da Silva, não é possível delimitar o caráter fonológico destas vogais, mas o uso destes diacríticos sugere, ao menos, realização fonética, percebida pelo transcritor que tem o português como língua materna. Considerando somente o caráter fonético, então, propõem-se as vogais [e] e [o] representadas por *e/ê* e *o/ô* e as vogais [ɛ] e [ɔ] representadas pelos grafemas *é*, *ó*.

(09) Vogais orais em Lemos da Silva (1882)

<i>i</i>	[i]	<i>iche</i>	[iSe]	‘vagina’
<i>e</i>	[e]	<i>panche</i>	[pãSe]	‘mamas’
<i>ê</i>		<i>tamácuê</i>	[tama'kwe] ou [tamaku'e]	‘despedida’
<i>é</i>	[ɛ]	<i>pacré</i>	[pa'krɛ]	‘orelhas’
<i>a</i>	[a]	<i>cuxá</i>	[ku'Sa]	‘aguardente’
<i>ó</i>	[ɔ]	<i>copópó</i>	[kopɔ'pɔ]	‘foice’
<i>ô</i>	[o]	<i>pacô</i>	[pa'ko]	‘lábios’
<i>o</i>		<i>inchoti</i>	[ĩSoti]	‘estrelas’

u [u] *uxum* [uSũ] ‘pai’

As vogais nasais são representadas pelo acento til ou pela sequência grafema vocálico-grafema nasal, por exemplo, *intá* ‘chuva’. Nesta lista, também é identificada a alternância do til com a sequência de vogal-consoante nasal: *potinachã* ‘gado’ e *potinanchanxe* ‘leite, queijo’.

(10) Vogais nasais em Lemos da Silva (1882)

<i>in</i>	[ĩ]	<i>intonhã</i>	[ĩtõɲã]	‘olho torto’
<i>im</i>		<i>paquim</i>	[pakĩ]	‘cabelos’
<i>em</i>	[ẽ]	<i>copembe</i>	[kõpẽmbe]	‘acabou’
<i>ã</i>	[ã]	<i>pããto</i>	[pããto]	‘língua’
<i>an</i>		<i>pantó</i>	[pã'tõ]	‘olhos’
<i>õ</i>	[õ]	<i>cõõ</i>	[kõõ]	‘machado’
<i>on</i>		<i>tonxeu</i>	[tõSew]	‘arroz’
<i>un</i>	[ũ]	<i>suncre</i>	[sũkre]	‘nádegas’
<i>um</i>		<i>uxum</i>	[uSũ]	‘pai’

A proposta de interpretação grafêmica para a lista de Lemos da Silva (1882) é ilustrada no quadro 03, a seguir.

Quadro 03: Lista de Lemos da Silva (1882)			
Consoantes			
p b	t		k
	s	S	
m	n	ɲ	
w	r	j	
Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	ũ
e	o	ẽ	õ
a		ã	

1.3. Sud-Cayapo, Nehring (1894)⁷

A terceira lista desta região foi anotada por Carl Nehring (1848-1902), boticário alemão que fixou residência em Piracicaba, interior de São Paulo, em 1865. Carl Nehring era irmão do zoólogo e paleontólogo Alfred Nehring, chefe do departamento de Zoologia da *Landwirtschaftlichen Hochschule* (Universidade de Agricultura) em Berlim.

⁷ Faço uma análise detalhada desta lista em Vasconcelos (2011).

Segundo Carlos Nehring (comunicação pessoal), Carl Nehring fazia a coleta de espécimes e as enviava para o irmão em Berlim e para chefe do Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850-1930), realizando, antes do envio, o tratamento prévio necessário.⁸

Sobre a lista dos Cayapó do Sul, ela foi coligida, possivelmente, na última ou penúltima década do século XIX. É um lista de 39 itens, em ortografia alemã, acrescida dos diacríticos agudo, braquia e macro, em diversos itens combinando braquia e agudo (*nāpiá* ‘onça’), bem como macro e agudo (*zapé* ‘boca’). Essa lista foi enviada a Paul Ehrenreich (1855-1914) que a publicou em 1894, com demais listas de palavras de línguas indígenas brasileiras, na “*Zeitschrift für Ethnologie*, n. 26”.

Os itens, na lista de Nehring, estão ordenados por partes do corpo (‘língua’, ‘boca’, ‘dentes’, etc.), logo em seguida elementos da natureza (‘céu’, ‘sol’, ‘lua’, etc.), armas (‘arco’, ‘espingarda’, ‘borduna’), parentesco (‘pai’, ‘mãe’, ‘filho’, etc.), mamíferos (‘onça’, ‘anta’, ‘veado’, etc.), répteis (‘jacaré’, ‘tartaruga’, ‘serpente’, etc.), peixe, insetos (‘borboleta’), ‘cachaça’ e, por fim, ‘tabaco’. Não há qualquer observação por parte do transcritor sobre como foi feita a coleta destes itens e tais procedimentos não são explicados por Ehrenreich, por conta disso, não é possível afirmar se a ordem em que aparecem os itens foi estabelecida por Nehring (transcritor) ou por Ehrenreich (responsável pela publicação). As relações mantidas com instituições científicas, como o Museu Paulista, por meio von Ihering, e universidades em Berlim, através do irmão, colocaria Nehring em contato também com as práticas de coleta de registros linguísticos dos sul-americanistas⁹, entre elas o uso da “*Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache*” [Lista para registro de língua sul-americana]¹⁰, lista utilizada pelo Museu Etnológico de Berlim, com 71 páginas, com termos em alemão, português e espanhol enviada a interessados a fazer registros de línguas indígenas. Curiosamente, a ordem semântica dos itens em Nehring é a mesma da lista do Museu Etnológico, contudo, há ausência de termos considerados essenciais ao registro como ‘flecha’, ‘ovo’, ‘abelha’, ‘mel’, ‘milho’, ‘batata’, etc.¹¹ Somente a consulta a um possível manuscrito desta lista poderia solucionar, em parte, os procedimentos utilizados na sua coleta.

Paul Ehrenreich (1894), em sua publicação sobre os Cayapó do Sul, além de apresentar a lista de Carl Nehring (até então inédita), reproduz também a lista de Kup-

⁸ Aproveito a oportunidade para manifestar meus agradecimentos a Carlos Nehring, bisneto de Carl Nehring, que gentilmente enviou-me um e-mail com preciosas informações sobre os irmãos Nehring. Carlos Nehring acrescenta que Carl Nehring “foi Farmacêutico (proprietário da Farmácia São José em Piracicaba); foi também antropólogo (citado pelo Diretor do Museu Nacional, Landislaus Netto em seu livro) linguista e zoólogo. [...] Também foi autor do livro: ‘Indianische Graburnen’ (publicado por der Verhandlungen Berliner Gesellschaft anthropologischen Berlim, 1879)”.

⁹ “[...] preferi utilizar o rótulo ‘sul-americanistas’ para referir-me a esses estudiosos [de línguas e culturas da América do sul], lançando mão da denominação generalizante e mais tradicional ‘americanistas’, apenas com relação a pesquisadores cujo objeto primordial de análise correspondia à etnografia e/ou à linguística de outras regiões do continente americano.” (CHRISTINO, 2006, p. 22)

¹⁰ As informações aqui apresentadas sobre a “*Tabelle...*” foram retiradas de Christino (2006, p. 100-102).

¹¹ Segundo Christino (2006, p. 100): “o responsável pelo material (possivelmente Karl von den Steinen) redigiu em negrito as palavras que via como absolutamente indispensáveis e acompanhou de uma exclamação outras, julgadas também de relevância”.

fer (1870) e a compilação de Martius (1867). Sobre a lista de Nehring, informa somente que, tal como a lista de Kupfer, foi coligida entre índios da aldeia que estava nas proximidades de Santana do Paranaíba. Apesar da referência de Ehrenreich sobre a origem do registro, nada se sabe a respeito de como este foi realizado. Não há informação de que Nehring tenha viajado para a vila de Santana e de lá tenha se dirigido para alguma aldeia. Uma possibilidade é que tal lista foi anotada entre os Cayapó do Sul que faziam transporte, como remadores, entre Piracicaba e outras vilas do interior paulista¹². Florence (1977) encontra em Porto Feliz (ponto de partida para a descida do Tietê), no início do século XIX, “índios Caiapós, de ambos os sexos, mantidos em escravidão, entre eles alguns muito jovens”, o que, segundo Florence, “prova que esse bárbaro costume existia até há poucos anos”.¹³ Sobre os Cayapó do Sul, Ehrenreich (1894) traz as seguintes informações:

Destes [Cayapó do Sul] ainda hoje existe o de Sant’Anna do Paranahyba, descripto por Kupfer. As famílias alli estabelecidas vêm várias vezes aos lugares de S. Paulo que lhe ficam mais próximos, especialmente Piracicaba e Botucatú, para permutar por mercadorias européas cestos e chapéus de palha que fabricam. (EHRENREICH, 1894, p. 136)

Ehrenreich, no mesmo número da “Zeitschrift für Ethnologie”, publicou e fez considerações sobre listas de palavras das línguas Karajá, Kayapó Setentrional (Cradahō, Ušikrin) e Cayapó do Sul sob o rótulo “Materialien zur Sprachenkunde Brasilien”, dividido em três partes. Ao tratar sobre o Cayapó do Sul, ele reproduz, além da inédita lista de Nehring, termos das listas compiladas por Martius (1867) e de Kupfer (1870), justamente aqueles que ele usa na comparação com a lista de Nehring. Até então aquelas eram as únicas listas de palavras Cayapó do Sul conhecidas. Considerando que as lista de Nehring (1894) e a de Kupfer (1870) são de uma mesma região (Santana do Paranaíba), ele procura demonstrar as semelhanças entre esses registros e quais diferenças podem ser identificadas com a lista de Martius:

Ambos [os vocabulários de Nehring e Kupfer] concordam bastante um com o outro, mas afastam-se daquele de von Martius, especialmente na fonética. Assim, r, no dialeto de Santana do Paranaíba às vezes não ocorre ou realiza-se como i (y), e š suaviza-se em z. (EHRENREICH, 1894, p. 136)¹⁴

¹² Cf. Florence (2007 [1865], 1977), Kupfer (1870), Giralдин (1997) e Langsdorff (1998).

¹³ Florence foi contratado como o segundo pintor da Expedição Langsdorff, que em 1826 partiu de Porto Feliz em direção a Cuiabá e norte do Brasil. O diário de Florence citado aqui é aquele escrito quando já estava residindo em Campinas (SP); os manuscritos são da segunda metade do século XIX, porém só foram publicados em 1977, pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP).

¹⁴ Tradução livre de: “Beide stimmen ziemlich gut mit einander überein, weichen aber von der Martius’schen vielfach ab, insbesondere auch in der Lautlehre. So ist r in dem S. Annadialekt vielfach ausgefallen oder zu i (y) geworden, š zu z erweicht.”

Ehrenreich (1894) não se detém na análise das listas, muito menos no estabelecimento de correspondências, acrescentando modestamente:

Deve ser feita uma comparação mais detalhada destes dialetos com outros registros e com os dialetos do Cayapó do Norte, pois o material é muito restrito e as ortografias utilizadas muito distintas. Aqui apresento somente uma simples comunicação sobre estas listas de palavras. (EHRENREICH, 1894, p. 136)¹⁵

A referência à lista de Martius (1867) é importante, pois, tal como observa Christino (2006, p. 79), “os dados registrados por ele [Martius] ainda serviam de baliza para a comunidade dos sul-americanistas, que sofria de uma falta crônica de fontes confiáveis”. Nesse caso referendava a lista anotada por Nehring como pertencente ao grupo Cayapó do Sul.

Ao registrar essa lista de palavras, Nehring optou pela ortografia alemã, com uma complexa distribuição de diacríticos nas vogais, aparentemente marcando duração vocálica e/ou abertura de vogal e/ou sílaba acentuada.¹⁶ Nos parágrafos seguintes é apresentada, de forma resumida, a interpretação grafêmica para o registro de Nehring (1894).

As oclusivas [p], [t] e [k] são representadas por *p*, *t* e *k*.

(11) Consoantes oclusivas em Nehring (1894)

<i>p</i>	[p]	<i>zapě</i>	[tʃsa'pe:]	‘boca’
		<i>pūkūa</i>	[pūku:a]	‘céu’
<i>t</i>	[t]	<i>zutō</i>	[tʃsutō]	‘língua’
		<i>tonjotto</i>	[tōɲoto] ou [tōɲotto]	‘caititu’
<i>k</i>	[k]	<i>zǎkrǎ</i>	[tʃsǎkrǎ]	‘nariz’
		<i>krētōt</i>	[kre:tōt]	‘sapo’

Já o *z*, em alemão corresponde a [tʃs]. O *c* e o *ç* são interpretados como representações de [s], enquanto o *sch* corresponde a [ʃ].

(12) Fricativas e africadas em Nehring (1894)

<i>z</i>	[tʃs]	<i>zutō</i>	[tʃsutō]	‘língua’
		<i>zapě</i>	[tʃsa'pe:]	‘boca’
<i>c</i>	[s]	<i>ceojó</i>	[seo'jo]	‘borboleta’
<i>ç</i>	[s]	<i>ançētī</i>	[ãsēti]	‘estrela’
<i>sch</i>	[ʃ]	<i>ischoa</i>	[iʃsoa] ou [iʃwa]	‘dente’
		<i>ischē</i>	[iʃse:]	‘arco’

¹⁵ Tradução livre de: “Indessen ist zu einer eingehenden Vergleichung dieser Dialekte unter einander und mit denen der Nord-Cayapo das Material zu gering und die Schreibweise der Beobachter zu verschieden. Es möge daher die einfache Mittheilung der Wörter genügen.”

¹⁶ Não há evidências de que Nehring tenha utilizado alguma grafia em uso pelos sul-americanistas, contudo, mais uma vez, a sua relação com instituições que se ocupavam com o estudo de povos indígenas pode ter influenciado a sua opção de registro desta língua.

As soantes nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ] são representadas, respectivamente, por *m*, *n*, *nj* e *ng*, somente *m* e *ng* são encontrados em coda de sílaba final.

(13) Nasais em Nehring (1894)

<i>m</i>	[m]	<i>atōma</i>	[a'to:ma]	‘espingarda’
<i>n</i>	[n]	<i>nāpiǎ</i>	[na:'pja]	‘onça’
<i>nj</i>	[ɲ]	<i>tonjotto</i>	[tõɲoto] ou [tõɲotto]	‘catitu’
<i>ng</i>	[ŋ]	<i>īking</i>	[ikiŋ]	‘cabelo’

A soante [r] está representada por *r*. Nesta lista há um item em que temos a ocorrência de *rr*. Em palavras do alemão como *scharrt*, *Warrrt*, *narrrt*, *surrrt* e ainda *dort*, *warten*, *Torte*, o valor de *r* e *rr* é [R]. Apesar do contexto de *torritung* não ser o mesmo, o mais provável é que esse *r* duplo esteja marcando um som diferente do *r* simples, um som próximo a [R]¹⁷.

(14) Grafemas *r* e *rr* em Nehring (1894)

<i>r</i>	[r]	<i>zǎkrǎ</i>	[tʃsǎkrǎ]	‘nariz’
		<i>arěna</i>	[a'rěna]	‘tabaco’
<i>rr</i>	[R]	<i>torritung</i>	[toritũŋ]	‘velha’

O [j], além do *j*, seria representado por *i* e *ī*, este último somente quando sucedido por vogal marcada por braquia (vogal breve), em um possível equívoco na marcação do núcleo silábico. O mesmo tipo de marcação é usado para o [w]: *ū*.

(15) Soantes [w, j] em Nehring (1894)

<i>j</i>		<i>jō</i>	[jo:]	‘pedra’
<i>i</i>	[j]	<i>zukiǎ</i>	[tʃsukja]	‘braço’
<i>ī</i>		<i>īǎnnǎ</i>	[ʃjǎnǎ]	‘serpente’
<i>ī</i>		<i>tapung pǎǎ</i>	[tapũŋ 'pja]	‘jacaré’
<i>ū</i>	[w]	<i>pūkūǎ</i>	[pu'kwa] ou [pu'ku:a]	‘céu’

Dos registros do Cayapó do Sul, o de Nehring é o único que apresenta marcação de duração vocálica, porém, em parte pela inconsistência do registro e, principalmente, pelo pouco número de itens não é possível estabelecer se havia em Cayapó do Sul uma duração vocálica fonológica. Os itens seguintes resumem a interpretação para as vogais. Assume-se que o diacrítico agudo esteja marcando somente a sílaba tônica.

(16) Vogais orais em Nehring (1894)

<i>i</i>	[i]	<i>isché</i>	[i'ɛ:]	‘arco’
<i>ī</i>	[i:]	<i>zǎtakrǐta</i>	[tʃsǎta'kri:ta]	‘perna’

¹⁷ O *rr* pode ser um erro tipográfico.

<i>e</i>	[e]	<i>tápe</i>	['ta:pe]	‘peixe’
<i>ě</i>	[ě]	<i>ančěťí</i>	[ãséti]	‘estrela’
<i>ē</i>	[e:]	<i>zukré</i>	[t̥su'kre:]	‘orelha’
<i>a</i>	[a]	<i>atôma</i>	[a'to:ma]	‘espingarda’
<i>ǎ</i>	[ǎ]	<i>zatakřita</i>	[t̥săta'kri:ta]	‘perna’
<i>ā</i>	[a:]	<i>nāpiá</i>	[na:'pja]	‘onça’
<i>o</i>	[o]	<i>torritung</i>	[toritũŋ]	‘velha’
<i>ǒ</i>	[ǒ]	<i>krětôt</i>	[kre:tôt]	‘sapo’
<i>ō</i>	[o:]	<i>jō</i>	[jo:]	‘pedra’
<i>u</i>	[u]	<i>zukré</i>	[t̥su'kre:]	‘orelha’
<i>ū</i>	[u:]	<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	‘lua’
<i>ǔ</i>	[ũ]	<i>impŭ</i>	[ĩ'pũ]	‘homem’

As vogais nasais são representadas pela presença de um grafema nasal seguindo a vogal.

(17) Vogais nasais em Nehring (1894)

	<i>im</i>	<i>impŭtě</i>	[ĩ'pu:te]	‘sol’
[ĩ]	<i>in</i>	<i>intǒ</i>	[ĩ'tǒ]	‘olho’
		<i>inkǒ</i>	[ĩ'ko:]	‘água’
[ã]	<i>an</i>	<i>ankiǒ</i>	[ã'kjo]	‘porco do mato’
[õ]	<i>on</i>	<i>njontĩ</i>	[nõ'ti:]	‘serpente’
				d’água’
[ũ]	<i>un</i>	<i>kaputúŋ</i>	[kapu'tũŋ]	‘velho’

Por fim, no Quadro 04 é apresentada a interpretação grafêmica da lista de Nehring (1894), os quadros acinzentados seguem o mesmo padrão do quadro 2, ou seja, são ocorrências para quais não há evidências suficientes para a sua realização.

Quadro 04: Lista de Nehring (1894)			
Consoantes			
p	t	t̥s	k
	s	S	R
m	n	ɲ	ŋ
w	r	j	
Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	ũ
e	o		õ
a		ã	

2 COMPARANDO AS LISTAS

A comparação da lista proposta nessa análise tem o objetivo de apontar os fonemas mais prováveis da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul. As três listas em

análise, como explicado anteriormente, foram registradas em aldeias (ou na aldeia) nas proximidades de Santana do Paranaíba. Logo, a tentativa de delimitação do sistema fonológico corresponderia ao sistema fonológico da variedade meridional dos Cayapó do Sul. Como exposto em Vasconcelos (2013), os registros de Goiás seriam de um grupo que originalmente estariam localizados mais ao norte, possivelmente nas cabeceiras do Araguaia, na margem esquerda do Sucuriú. Nos parágrafos seguintes, limita-se a um exercício de delinear o sistema linguístico dessa variedade a partir da comparação das listas. Propõe-se um inventário de fonemas e não as oposições e restrições do sistema.

2.1. Consoantes

(i). Oclusivas. As obstruintes [p], [t], [k] são registradas nas três listas, com uma distribuição semelhante indicando que a língua apresenta uma classe de obstruintes.

[p]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
#_	<i>potiti</i>	<i>potiti</i>	-	‘tamanduá’
v_v	-	<i>pucuá</i>	<i>pūkūa</i>	‘céu’
_rv	<i>caputú</i>	<i>caputũ</i>	<i>kaputúng</i>	‘velho/velha’
	<i>Pipré</i>	<i>pipré</i>		‘magro’

[t]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
#_	<i>tamancáre</i>	<i>tamancare</i>	<i>tápe</i> ‘peixe’	‘feito/feia’
v_v	<i>kateté</i>	<i>catêté</i>	-	‘branco’

[k]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
#_	<i>caputú</i>	<i>caputũ</i>	<i>kaputúng</i>	‘velho/velha’
v_v	<i>jaká</i> ‘dia’	<i>pacô</i> ‘lábios’	-	
_r	<i>zicré</i>	<i>pacré</i>	<i>zukré</i>	‘ouvido/orelha’

(ii) africadas e fricativas. A alternância nos registros entre [tʃs], [s], [z] e [ʃ] evidencia diferentes percepções de um mesmo segmento: *inzé* [ĩntʃse] (Kupfer) e *iche* [iʃe] (Lemos da Silva), para ‘órgão sexual feminino (vagina)’. As listas anotadas pelos alemães apresentam maior proximidade entre si: (Kupfer) *zicré*, (Nehring) *zukré* ‘nariz’. Nos exemplos a seguir podemos observar a correspondência [tʃs] em Kupfer (1870) [s] ou [ʃ] em Lemos da Silva (1882). A fricativa [z], como exposto, tem uma única ocorrência em Kupfer (1870), enquanto em Nehring (1894) é a fricativa [ʃ] que tem somente uma ocorrência.

	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
[tʃs]	<i>incipiá</i>	<i>insipia</i>	-	‘moça/mulher’
	<i>anzoti</i>	<i>inchoti</i>	<i>ançēti</i>	‘estrelas’
	<i>zicré</i>	<i>Pacré</i>	<i>zukré</i>	‘nariz’
	<i>pachuá</i>	-	<i>ishoa</i>	‘dente’

zurinzi	chuninxi	-	‘galinha’
---------	----------	---	-----------

(iii) **Nasais.** As nasais não têm a mesma regularidade de distribuição das obstruintes. Em posição inicial: Kupfer (1870) *moschi* [moSi] ‘rico, muito’, Lemos da Silva (1882) *meçiape* [mesiape] ‘na beirada’. Em Nehring (1894) não há registro da nasal labial em posição inicial. Em *onset* não inicial, a nasal labial ocorre nos três registros: *kientómá* ‘sacerdote’, em Kupfer (1870); *yumã* ‘aonde’, em Lemos da Silva (1882); *atôma* ‘espingarda (arma de fogo’, em Nehring (1894).

A nasal alveolar [n] ocorre em início de palavra em todos os registros: ‘onça’ em Kupfer, *napiá*, em Lemos da Silva, *napiá* e em Nehring, *napiã*. Em contexto intervocálico temos: *otinazó* [otina'tiso] ‘vaca’ (Kupfer); *panata* ‘farinha’ (Lemos da Silva) e *arêna* ‘tabaco’ (Nehring).

A palatal [ɲ] só tem um único registro em posição inicial, *njontĩ* ‘serpente d’água’ (Nehring). Já em contexto intervocálico: *tapanjó* ‘preto’ (Kupfer); *xitakrite-nhanha* ‘vestido vermelho’ (Lemos da Silva) e *tonjotto* ‘catitu’ (Nehring).

Ainda sobre as nasais, há as seguintes ocorrências da velar [ŋ]: *ĩking* ‘cabelo’ e *kaputúng* ‘velho’ (Nehring). Nas correspondências nas demais listas temos: *paquim* ‘cabelo’ e *caputũ* ‘velho’ (Lemos da Silva); *inki* ‘cabelo’ e *kaputú* ‘velho’ (Kupfer).

(iv) **Soantes não nasais.** Nas três listas, o *tepe* [ɾ] ocorre em posição intervocálica e em *clusters* com as oclusivas [p] e [k]. O *cluster* é mais comum com a velar. As aproximantes [w] e [j] também são identificadas nos três registros tanto, tanto em *onset* simples como em *clusters*, também com as oclusivas labial [p] e velar [k].

	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
[ɾ]	<i>Tamancáre</i> <i>Zicré</i> <i>Pipré</i>	<i>tamancare</i> <i>pacré</i> <i>pipré</i>	<i>tápe</i> ‘peixe’ <i>zukuré</i>	‘feio/feia’ ‘ouvido/orelha’

	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>
[j]	<i>jaká</i> ‘dia’ - <i>tapopié</i> ‘avó’ <i>ikiú</i> ‘queixada’	<i>yumã</i> ‘aonde’ <i>Xapaia</i> ‘enxada’ <i>Tapiá</i> ‘?’ <i>xaquiátu</i> ‘papudo’	<i>ĩánnã</i> ‘cobra’ <i>Ceojó</i> ‘borboleta’ <i>nāpiã</i> ‘onça’ <i>ankiô</i> ‘queixada’

	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
[w]	- - <i>kapekoá</i> <i>pauhiá</i>	<i>uachã</i> <i>pucuá</i> <i>puancá</i> <i>pachuá</i> <i>tonxeu</i>	- <i>pūkūa</i> - <i>ischoa</i> -	‘irmão’ ‘céu’ ‘deus’ ‘dente’ ‘nós (1pl)’ / ‘arroz’

A proposta de consoantes para o Cayapó do Sul segundo os registros de Santana do Paranaíba é apresentada no Quadro 05. Mantemos, considerando as ocor-

rências em Kupfer (1870), a fricativa glotal como um fonema; e por conta das ocorrências em Nehring (1894), a nasal velar também está presente neste quadro. As nasais figuram como fonemas, pois uma análise restrita a estes registros não permite postular uma série pré-nasalizada.

Quadro 05: Hipótese para as consoantes de Santana do Paranaíba			
p	t	t̪s	k
m	n	ɲ	ŋ
w	ɾ	j	h

2.2. Vogais

As vogais anteriores [i] e [e], a baixa [a] e as posteriores [o] e [u] são as mais facilmente depreendidas entre esses registros do Cayapó do Sul. O uso dos diacríticos pode ser interpretado como abertura vocálica, principalmente na lista de Lemos da Silva (1882), contudo não há justificativa para uma diferenciação fonológica entre vogais médias baixas e altas.

[i]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>
#_	ité ‘perna’	-	isché ‘arco’
C_	potiti ‘taman- duá’	potiti ‘taman- duá’	njontí ‘serpente’

[e]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
#_	-	-	epōrā	‘borduna’
C_	zicré	pacré	zukuré	‘ouvi- do/orelha’

[a]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>
#_	-	-	arēna ‘tabaco’
C_	patucá ‘ventre’	patuca ‘barriga’	tápe ‘peixe’

[u]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
C_	impú	impú	Impu*	‘pênis/homem’

[o]	<i>Kupfer</i>	<i>Lemos da Silva</i>	<i>Nehring</i>	Português
C_	impó	impó	impõ	‘veado’

As vogais nasais que ocorrem nos três registros são: [ĩ], [ã] e [õ]. Na lista de Nehring (1894) a nasal [ẽ] só pode ser depreendida a partir da interpretação de *arēna* ‘fumo’. Para esse caso, é preciso considerar o registro realizado por Pohl (1832) entre

os Cayapó do Sul de Mossâmedes – *arená* –, bem como o registro de Barbosa (1918) para os Cayapó do Sul da aldeia Água Vermeça – *aréne*. Nesse último há o seguinte comentário: “o último *e* de *aréne* é mudo” (BARBOSA, 1918). A nota em Barbosa sugere que o radical em Pohl e Nehring seja formando com uma consoante nasal em coda e, nesse caso, a vogal seria interpretada como nasal: [a'rɛ̃n]. A vogal final, tônica em Pohl e átona em Nehring, pode ser um morfema que ressilabifica o radical, reinterpretando a nasal como *onset*. Pela presença da vogal final, esse item se aproxima mais do registro de Pohl (1832), enquanto o uso do diacrítico agudo aproxima de Barbosa (1918). Seguem as correspondências:

[ĩ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zurinzi</i> ‘galinha’	<i>chuninxi</i> ‘galinha’	<i>imprím</i> ‘filho’

[ẽ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>kientómá</i> ‘sacerdote’	<i>copembe</i> ‘acabou’	<i>aréna</i> ‘fumo’

[ã]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>napía</i> ‘onça’	<i>uachã</i> ‘irmão’	<i>iãnnã</i> ‘serpente’

[õ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zoínzi</i> ‘porco’	<i>tonxeu</i> ‘arroz’	<i>njonti</i> ‘serpente d’água’

[ũ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zounzé</i> ‘colo feminino’	<i>uxum</i> ‘pai’	<i>kaputúng</i> ‘velho’

Nos registros há poucas evidências para as vogais centrais, orais ou nasais, presentes em línguas como Canela Apãinekra (ALVES, 2004), Mebengokre (STOUT; THOMSON, 1974) e Panará (DOURADO, 2001). Variações como *anzoti* [ãtʃsoti] (Kupfer) – *inchoti* [ĩsoti] (L) – *ançětĩ* [ãseti] (N) ‘estrela’ (e em Barbosa, *ançuti*) podem ser consideradas indícios de um segmento vocálico estranho aos três anotadores, em que seu registro só mantém traços destes segmentos; uma proposta para ‘estrela’, por exemplo, seria: [ĩtʃsoti]. A seguir são apresentados itens nos quais há indícios para a realização de vogais centrais.

	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring	Português
<i>i ~ u</i>	<i>zicré</i>	<i>pacré</i>	<i>zukré</i>	‘ouvido/orelha’
<i>an ~ in / o ~ ẽ</i>	<i>anzoti</i>	<i>inchoti</i>	<i>ançětĩ</i>	‘estrelas’
<i>pít</i> ‘sol’ (Ap)	<i>impúte</i>	<i>putuá</i>	<i>pūtūra</i>	‘lua’

Apresentamos, a seguir, a hipótese de fonemas vocálicos de Santana, em que a provável ocorrência da vogal [i] é marcada pelo sombreado cinza.

Quadro 06: Hipótese para as vogais de Santana do Paranaíba					
Orais			Nasais		
i	i	u	ĩ		ũ
e	a	o	ẽ	ã	õ

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto, a proposta aqui desenvolvida objetivou apresentar os registros realizados em Santana do Paranaíba (atual Paranaíba/MS), em que se demonstra uma relação próxima entre as três listas. Discussões mais aprofundadas são encontradas em Vasconcelos (2013), em que são apresentadas as demais listas e buscou-se uma hipótese de sistema fonológico e de oposições na língua que foi falada pelos Cayapó do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. *O Timbira falado pelo Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1918.
- CHRISTINO, B. P. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese (Doutorado em Linguística) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- EHRENREICH, P. Materialien Zur Sprachekunde Brasiliens. *Zeitschrift fur Ethnologie*, n. 26, p. 115-137, 1894.
- FERREIRA, M. N. de O. *Estudo morfossintático do Parkatejê*. Tese (Doutorando em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução de Visconde Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. 282p.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: pelas províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão Pará (1825-1829)*. Tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence. São Paulo, MASP, 1977.
- GIRALDIN. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp, 1997. 198p.
- GRANNIER RODRIGUES, D. M. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 86 p.
- LEMONS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1882.
- LANGSDORFF, G. *Diários*. Organização de Danuzio Gil Bernardino da Silva e Boris Komissarov. Campinas, Rio de Janeiro, AIL:FIOCRUZ, 1998. V.2.

- KUPFER, Die Cayapo-Indianer in der Porvinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, pp. 244-254, 1870.
- MARTIUS, C.F P. von. *Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen* [Glossarium linguarum Brasiliensium]: Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil. 1867. Erlangen: Druck Von Junge & Sohn. 548 p.
- POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhoechsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832-1837. 2v.
- PRÉVOT, J. *Nova Gramática Alemã: Teoria e Prática*. Lisboa: Heidelberg, 1913.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In DIXON, R.M.W.; Aikhenvald, A.Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.164-206.
- STOUT, M. & R. THOMSON. Fonêmica Txukahamẽi (Kayapó). *Série Lingüística*, n. 3. SIL, Brasília.
- VASCONCELOS, E. A. A lista de palavras Cayapó do Sul anotada por Nehring. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40. 2011.
- VASCONCELOS, E. A. *Investigando a hipótese Cayapó do Sul-Panará*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.